



AS FRONTEIRAS

Poema de Antonio Miranda

I

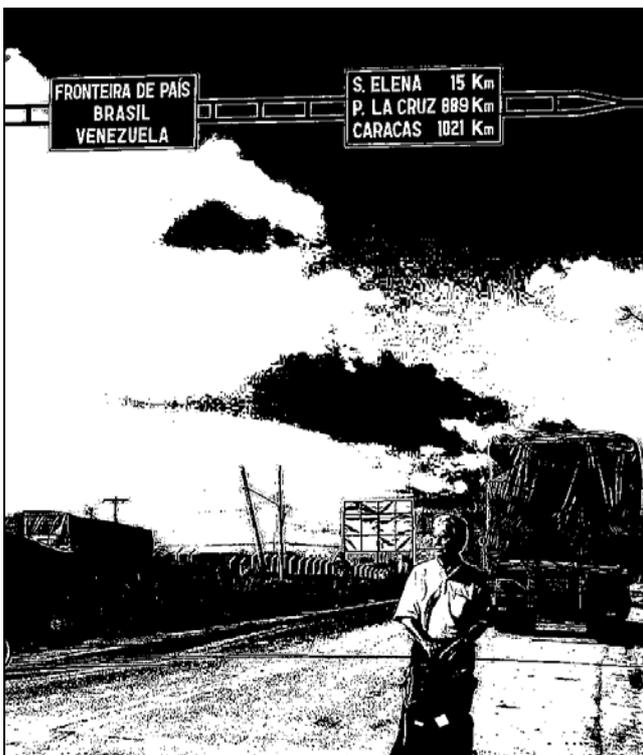
Fronteiras do fim do mundo
demarcando o ignoto
e o insondável:
inconcebível limite
-finis terrae.

Separando o mundo civilizado
das terras inomináveis
de bárbaros e monstros
das bestas e dos ciclopes
de línguas indecifráveis
quando não de gentes sem fala
e sem entendimento
de nômades desterrados
deformados de toda complexão
e de toda razão
sem história e sem porvir
daquelas gentes abandonadas
por Deus desde o êxodo dos êxodos.

Dividindo crentes e descrentes
sem paradeiros e sem destino
confinados pelas linhas divisórias
da fome, do frio, das crenças
que evocam divindades anímicas
no abrigo das proteções naturais
e sazonais.

Outras são as fronteiras
do mundo civilizado
do mundo demarcado
e sitiado
dos limites arbitrados
policiados
estendendo-se por territórios
nominados
com títulos de posseção
e domínio.

Terras feudalizadas
por senhores enobrecidos
ou por governos de ocasião
- iguais em todo sentido -
aguerridos no seu enclausuramento
no apartamento do mundo
e em sua exclusão
e posseção.



II

Que demarca dois povos
duas nações, duas pessoas?

Que linha divisória
os diferencia
e contrapõe?

E as nações sem territórios
e os povos sem demarcações?

Qual a pertença telúrica
do cigano e do imigrante
do nordestino retirante
e do índio nômade
ou andante e arredio?

Qual a pátria dos prófugos
dos sem-pátria, exilados
desterrados no ostracismo
dos povos de rua
dos sem-terra
dos povos errantes
das tribos ambulantes
das comunidades alternativas
sem território
e dormitório fixo?

Debaixo da ponte, a que nação
corresponde?
Sobre a palafita insalubre
a que cidadania pertence?

Balseiros no mar
clandestinos nos barcos cargueiros
aventureiros e transeuntes.

Nações expatriadas
povos transladados
gentes espoliadas
em guetos
alienadas de qualquer pertencência
legal
em fronteiras abstratas
culturais
e convencionais.

Que divide um país de outro?
Uma bandeira? Uma língua,
Uma constituição?
Uma intenção demarcadora
um preceito ou um preconceito?
Uma cerca, um muro circunstante?

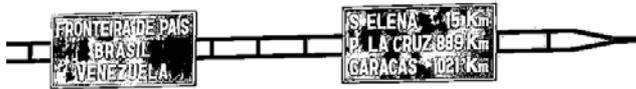
Ideologias? Etnias? Religiões
ou interesses tribais? Que mais?
Sentimentos telúricos, ancestrais?
Valores transnacionais
em que pátria residem?

Gentes que nascem, vivem
e morrem sem qualquer registro
de nascimento e morte
a que país pertencem?

Que fronteira é essa que distancia
um bairro milionário e saudável
de outro operário e miserável?

Que separa estas crianças
louras, lindas, vitaminadas
daquelas outras
negras e esquálidas?
Estes corpos esbeltos
malhados e bronzeados
daqueles deformados
pelo trabalho escravo?

Debaixo do chão, plantados
como cadáveres indigentes
é-se gente
e com que nacionalidade?



III

Fronteiras abstratas, rituais
fronteiras indefiníveis
arbitrárias
indevassáveis
mais imaginárias que reais
infinitas.

Um as vezes dividem
em outras aproximam.

Povos fraturados
cortados ao meio
- os bascos, os ianomâmis
os curdos, os gaúchos
os pantaneiros – e também seus animais
suas aves
sistemas ecológicos
(contínuos, contíguos)
seccionados, amputados
serrados.

Que aproxima os guerrilheiros
dos narcotraficantes
- seriam vasos comunicantes
ou associações circunstantes?

Que dizer dos
sacoleiros contrabandistas
traficantes
de que lado estariam?

A fronteira divide e discrimina
protege e separa
avilta e humilha
povos indivisíveis
- ou hibridiza como os brasiguayos –
como os caminhoneiros
que engravidam as estações
por onde desovam
pelas povoações isoladas
por eles desconfinadas
por eles inseminadas
de vírus e notícias
transportadas.

São rios e são montanhas e são selvas
intransponíveis, são tepuys
e altiplanos insuperáveis
em que as linhas demarcatórias
não se vêem e não se reconhecem.

São terras intransitáveis
que nem os missionários
e os garimpeiros
e os militares das fronteiras
percorrem.

Além das alcabalas e postos fiscais
que revistam mochileiros
e deixam passar os moambeiros.
Assim também as fronteiras amuralhadas
com cercas eletrificadas
guardadas por cães militares
mas por onde o troca-troca
o entra-e-sai
é constante
vem na barriga da gente
no ânus do viandante
no estômago do taxista
e no piso falso
do transporte do motorista.

E tem também as fronteiras marinhas
que mais aproximam do que separam

mais de ir do que de voltar
cujo fluxo varia
se de noite ou se dia
com suas praias de chegada
com seus portos e aduanas.

Só as andorinhas não obedecem
normas nem rotas prescritas
só as baleias não requerem
vistos nem vacinas
e as estrelas não percebem
por onde iluminam.



IV

Em verdade, vos digo
nossas fronteiras primevas
- começo do capitalismo
português – foram as
capitanias hereditárias:
multiplicaram-se por centúrias
sobre ossos e mourões plantados
no alvorecer da nacionalidade.
Antes disso, nossa linha
divisória era mais precária
- por direito real ou papal –
mas ninguém respeitava:

era o Tratado de Tordesilhas
que dividia nada de coisa
nenhuma em terras ainda
por descobrir e explorar.

Antes, nem isso
nos dividia ou se inteligia
seria o Paraíso Perdido
separando além mar
das terras do Endiabrado
dividindo o mundo-maçã
em duas metades apetecíveis
pois não há poder
que para sempre dure
- seja humano ou até divino –
que não pereça ou apodreça
ainda que eterno pareça.

Poema escrito durante viagem recente do autor pela fronteira do Brasil com a Venezuela, em dezembro de 2004.

Foto e arte de Juvenildo Barbosa Moreira